



www.unila.edu.br

UNILA

A PESTE ARGELINA: Análise histórica e literária do colonialismo na Argélia a partir da obra de Albert Camus.

Carolina Videira Cruz – UNIOESTE¹⁰
Prof.º Orientador Danilo Ferreira Fonseca – UNIOESTE

RESUMO: O presente trabalho busca analisar o colonialismo na Argélia no sec. XX com base na obra *A peste*, de Albert Camus. Escrita em 1947, a obra faz referência a uma peste que assolou a cidade de Oran, na Argélia, e mostra como a população local lidou com a situação. Considerando o livro como fonte da análise histórica, buscaremos entender este processo a partir da teoria literária de Antônio Cândido (2006) que aborda os vários níveis de relação entre literatura e sociedade. Atentaremos para o vínculo entre a obra e o espaço em que ela se insere, trazendo, assim, o estudo do texto e do contexto como uma relação dialética fundamental para a interpretação. Por fim, analisaremos a maneira que o livro está ligado ao colonialismo, tendo como base a teoria de Frantz Fanon (1961). A partir desta teoria e da análise literária da obra buscaremos, portanto, refletir qual a relação da obra literária com o processo histórico que ocorre naquele período, bem como o modo como este está introduzido na narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: A peste; Colonialismo; Literatura.

INTRODUÇÃO

A peste, de Camus, é um livro escrito em 1947, no qual a narrativa tem como espaço principal a cidade de Oran, na Argélia, que se vê repentinamente assolada por uma peste que deixa a cidade em estado de sítio, onde os habitantes diariamente são confrontados com o exílio, abandono e o crescente aumento de mortes que ocorrem a cada novo boletim informativo. Tendo que conviver diariamente com isso, o livro nos traz o personagem Bernard Rieux, narrador da história que traz suas experiências e escritos de outros personagens para relatar o que foi a peste e como a cidade e alguns cidadãos, personagens recorrentes do livro, lidaram com ela.

No período em que a obra foi escrita a Argélia era colônia Francesa, e havia grande divisão social entre os colonos ricos (donos de terras) e colonos pobres (operários ou arrendatários). Os árabes que não eram marginalizados detinham os meios de produção, e os Cabilas, tribos naturais do norte do continente africano, eram considerados a classe subalterna. Quando iniciou o processo de colonização da Argélia os Cabilas foram destinados às regiões áridas do Saara, território predominante do país.

Entretanto, ocorria na Argélia mudanças políticas e sociais significativas, desenvolvia-se no país um sentimento de independência em relação à França, os árabes, considerados inferiores, obtiveram alguns benefícios sociais e a infraestrutura do país passou a se desenvolver, em um processo que a historiografia convencionou de entender como uma transição de um colonialismo de exploração para um de valorização. (BELLUCCI, 2011)

Foi nesse período que Albert Camus viveu na Argélia, filho de pai francês e mãe espanhola, o autor passou a maior parte da sua infância e um bairro operário de colonos Franceses na capital Argel, sua família trabalhou inicialmente em atividades rurais e depois viraram operários na área urbana. Camus além de viver em Argel, morou certo tempo na cidade de Oran, cidade palco da narrativa do livro a ser analisado, mas voltou e concluiu seus estudos no liceu de Argel, colégio destinado a filhos de colonos franceses, que seguia o modelo de ensino europeu.

¹⁰ Graduanda do 4º ano de Letras-Português/Espanhol, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: carolinavideira@hotmail.com

Embora tenham ocorrido alguns avanços sociais para a população árabe, a desigualdade ainda era latente na colônia, a cultura árabe era reprimida, e isso causou indignação em Camus, que se vinculou a política com o fim de tentar alterar essa condição. Em 1939 com o fechamento do jornal onde trabalhava devido à censura, Camus muda-se para Paris, onde viveu o período da ocupação Alemã na França, na II Guerra Mundial e se viu envolvido com grandes pensadores do período, como Jean-Paul Sartre.

Levando em consideração a situação política na Argélia no período em que o livro foi escrito, a pesquisa busca fazer uma análise narrativa da obra, com o objetivo de encontrar dados da colonização francesa na Argélia, uma vez que do mesmo modo que o povo argelino e árabe sofre com a colonização, a população de Oran, principalmente a mais marginalizada, sofre com a chegada da peste. A imposição do exílio, a privação de direitos sociais comuns, e a marginalização da população local, estão presentes tanto na obra fictícia quanto no contexto histórico real. Com o intuito de analisar essa ligação a presente pesquisa buscará com base na narrativa, entender o contexto histórico utilizando como fonte a obra de Camus.

HISTÓRIA E LITERATURA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Assim que pensamos neste projeto de pesquisa, uma questão essencial se formulou em nossa mente: Qual a relação da literatura com a história? O campo acadêmico que congrega esta discussão é imenso, a intenção aqui não é revisá-lo de forma total ou responder de forma definitiva esta pergunta. O esforço deste projeto e da futura pesquisa é o de colocar em pauta esta questão e desenvolvê-la durante a pesquisa.

Uma historiadora que nos ajuda a pensar esta questão é Sandra Pesavento, que afirma que tanto a literatura quanto a história são narrativas que tratam do real, e são compostas por homens, que desde o início dos tempos utilizam-se de diferentes formas de linguagem para expressar o real e o imaginário. Assim, como nos diz Kolln:

Como fruto da ação do homem, e sendo o homem um ser histórico, cada obra literária encerra em si ideias e significados humano-históricos, passíveis das mais diversas e ricas interpretações e que irão ter um impacto sobre a realidade que, independentemente de sua magnitude, pode ser objeto de pesquisa e investigação historiográfica. (KOLLN, p.13, 2010)

Assim sendo, a literatura tem suas raízes presas ao momento histórico em que ela foi escrita, e obtém diversos significados a partir da visão do autor, nos trazendo como esse sentiu e interpretou o contexto histórico no qual está inserido, segundo Kolln toda a experiência literária tem base na realidade, e é influenciada pelo meio, seja para negá-lo, afirmá-lo ou até mesmo ultrapassá-lo.

Levando em consideração essa concepção de literatura e história feita por Pesavento e Kolln, buscaremos entender o contexto histórico em que está inserido o autor da *A peste*, para entender como esse influenciou a obra literária, analisando suas semelhanças com o real, e como foi assimilado por Camus, e qual o objetivo do texto e sua contribuição para história, levando em conta a alegoria e a metáfora implícita na obra. Verificaremos qual o intuito dessa alegoria, se ela traz críticas, se está em consonância ou dissonância com as relações sociais que a rodeiam e que figuras da narrativa o autor dispõe para trazer a realidade histórica no qual está contido e qual a significação da dimensão estética presente na obra, pois segundo Kolln “A estética da obra tem um peso grande e está ligada sim a realidade histórica, e está sempre calcada na matéria prima do real, sendo, portanto, elemento passível de análise historiográfica”.

A literatura, segundo Pesavento, é um discurso privilegiado de acesso ao imaginário de diferentes épocas, uma versão do que poderia ter acontecido segundo Aristóteles, e pode ser estudada como um acesso alternativo a história, estudar o que aconteceu através do não acontecido.

A LITERATURA COMO PRODUÇÃO CULTURAL E SUAS RELAÇÕES COM A SOCIEDADE

Antônio Candido, em seu livro “Literatura e sociedade” focaliza os vários níveis de relação entre a literatura e sociedade, atentando para o vínculo da obra com o espaço em que ela está inserida, trazendo assim o estudo do texto e do contexto como uma relação dialética fundamental para a interpretação. Logo, para o autor, o externo importa, não como causa ou significado, mas como componente que exerce um importante papel na constituição da estrutura, tornando-se assim, interno.

O autor apresenta o externo, como todo o meio que influencia na produção da obra literária, como preferências estilísticas, gosto das classes, origem social do autor, e as influências sociais, políticas e etc., que tem um cunho mais científico do que estético.

Cândido nos traz a teoria de Lukács, que questiona a medida que o elemento histórico-social possui para a estrutura da obra, e se esse seria apenas a realização de um valor estético não determinante. Analisando essa indagação, o autor afirma que dependendo da questão social presente no livro – considerando que esse é o principal tema abordado na obra, como o “mercado casamenteiro” na obra *Senhora* de José de Alencar - o elemento social tornar-se interno, passando a ser assim um próprio fator da construção artística da obra. E assim o fator social torna-se um fator de arte.

Ao explicar os tipos mais comuns de pesquisas sociológicas e literatura, o autor nota o interesse pelos elementos sociais que formam a obra literária, sua constituição, e a sua função social, no entanto ele afirma que tais aspectos se enquadram na área da historiografia e da sociologia, e não da crítica literária que busca compreender o interno da obra, considerando as influências que esta sofreu a partir do contexto.

Ainda segundo o autor, tentar entender a obra a partir do seu contexto é uma simplificação errônea, como vemos abaixo:

Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal. Mas se tomarmos o cuidado de considerar os fatores sociais (como foi exposto) no seu papel de formadores da estrutura, veremos que tanto eles quanto os psíquicos são decisivos para a análise literária. (CÂNDIDO, p. 22, 2016)

Ao falar sobre as contribuições do fator social na literatura, Cândido afirma que ele é, em determinadas obras, utilizado para explicar a estrutura da obra e o teor das ideias, fornecendo elementos que determinam sua validade e seu valor social. Desse modo, os elementos de ordem social são filtrados da concepção estética para entender a singularidade da obra.

Ao tratar da literatura e vida social, o autor busca focalizar aspectos da vida social que envolvem a arte e a literatura, pois de acordo com ele, o estudo desse gênero é insatisfatório devido à falta de um sistema de referências coerente, “graças a um simplismo que não raro levou ao descrédito as orientações sociológicas e psicológicas, como instrumentos de interpretação do fato literário” (Cândido, p 27, 2006).

Ao escrever uma obra, o escritor transforma tudo, misturando a realidade com a própria percepção, desenvolvendo assim ao mundo uma intenção própria e subjetiva, desse modo deve-se pensar a influência do contexto na obra, assim como a influência que a própria obra exerce sobre o meio, considerando o quanto a obra está interessada nos fatores sociais, e como essa está enraizada no contexto em que foi escrito.

A partir do sec. XIX a literatura passa a ser um produto social, pois passa a expressar as condições do meio em que se forma, no entanto, essa não apresenta uma interpretação plena da sociedade pois defende os interesses sociais de determinadas classes. Como nos diz o autor:

“(…) depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais”. (CÂNDIDO, pag. 30, 2006)

Para o autor, um meio de pesquisa mais adequado seria investir na análise das influências reais exercidas pelos fatores socioculturais. Diversos aspectos podem ser considerados neste procedimento, como: a posição social do artista, a configuração dos grupos receptores, a forma e conteúdo da obra, a fatura da mesma e sua transmissão, entre outros.

Raymund Willians foi um pensador britânico do sec. XX, pertencente as correntes da *New left reviw*, e do *Cultural Studies*. No texto Base e Superestrutura na teoria cultural marxista, o autor vai abordar a literatura como uma pratica social que deve ser entendida na totalidade.

O autor afirma que nenhum modo de produção, nenhuma sociedade, consegue exaurir o âmbito da pratica social e das intenções humanas, sendo que no capital, muitas dessas práticas serão incorporadas, e caso a incorporação não seja possível, essas serão erradicadas.

A literatura está presente como prática social desde a origem da sociedade, sendo a arte um dos critérios para considera uma sociedade completamente formada. Desse modo, segundo Willians, uma sociedade não pode ser analisada sem que inclua todas as suas práticas sociais, sendo que as artes não podem ser distanciadas do processo social geral, como vemos no trecho abaixo:

Se estamos investigando as relações entre literatura e sociedade, não podemos separar essa prática de um conjunto anterior de outras práticas, e tampouco podemos, ao identificarmos uma determinada prática, relaciona-la de forma uniforme, estática e não histórica a alguma formação social abstrata. (WILLIANS, pag. 222, 2005)

Ambas as obras trabalhadas são importantes para a pesquisa, pois está utilizará a literatura como um objeto de estudo histórico. Assim sendo, os textos de Cândido e Willians demonstram que a literatura está inserida num contexto, e que essa sofre a influência deste meio.

Sendo a literatura uma prática social humana, tentar entender a histórias e o sujeito através dela é uma realidade possível, considerando o autor como sujeito histórico, que sofre está inserido num meio social, e esse o influencia em todas as suas construções artísticas.

A VIOLÊNCIA NA OBRA DE CAMUS E SUA RELAÇÃO COM O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO APONTADO POR FRANTZ FANON

Frantz Fanon (1961) afirma no texto Sobre Violência, que a descolonização é sempre um fenômeno violento que ocorre de forma abrupta, sendo necessária e desejada pelo colonizado, como vemos no trecho a seguir:

A descolonização é o encontro de duas forças congenitamente antagônicas que extraem precisamente a sua originalidade dessa espécie de substância que segrega e alimenta a situação colonial. O seu primeiro confronto desenrolou-se debaixo do signo da violência e a sua coabitação - mais precisamente a exploração do colonizado pelo colono - realizou-se com grande reforço de baionetas e de canhões. O colono e o colonizado conhecem-se há muito tempo. E, na realidade, tem razão o colono quando diz conhecê-los. Foi o colono que fez e continua fazendo o



colonizado. O colono tira a sua verdade, isto é, os seus bens, do sistema colonial. (FANON, 1961, p. 52)

Deste modo, segundo o autor, a descolonização faz com que o papel dos sujeitos se inverta, transformando sujeitos marginalizados em atores privilegiados que mudam o rumo da história, introduzindo um novo modelo de vida a anteriormente chamada colônia, desta forma o autor considera todo processo de descolonização um sucesso.

Sobre a estrutura da colônia, Fanon (1961) afirma que esta é compartimentada, cortada em duas partes, sendo a linha divisória indicada pelos postos policiais, porta voz dos colonos e responsável pela opressão do colonizado. Como consequência desse compartimento, a zona habitada pelo colono e pelo colonizado são de natureza totalmente oposta, enquanto o primeiro vive em uma área considerada nobre para a habitação, os colonos são exilados para lugares insossos, ou seja, enquanto a região habitada pelo colono é considerada limpa, cheia de coisas boas, a região habitada pelo colonizado é considerada mal afamada, na qual as pessoas não têm acesso a coisas básicas, sendo considerada pelo autor uma região prostrada.

Esse mundo em compartimentos, esse mundo dividido em dois, está habitado por espécies diferentes. A originalidade do contexto colonial e que as realidades econômicas, as desigualdades, a enorme diferença dos modos de vida, não chegam nunca a esconder as realidades humanas. Quando se compreende no seu aspecto imediato o contexto colonial, é evidente que o que divide o mundo é sobretudo o facto de se pertencer ou não a tal espécie, a tal raça. Nas colônias, a infraestrutura e igualmente uma superestrutura. A causa e efeito: se é rico porque é branco, se é branco porque é rico. (FANON, 1961, p.56)

Após todas essas reflexões a partir do processo de colonização e descolonização, fica um questionamento: qual a relação da obra de Camus com esse processo histórico?

O livro *A peste*, como já vimos anteriormente, trata de uma cidade na Argélia, que após um surto de aparecimento e morte de ratos, registra a proliferação de uma peste bubônica que em pouco tempo começa a infectar os moradores locais. O texto é narrado em *prima res* e acompanha o médico Bernardo Rieux, narrador protagonista, e outros personagens que auxiliam no processo de combate a peste.

Esses personagens ilustram a comunhão na revolta, começando por Rieux que é um homem que se preocupa com o próximo, fazendo de tudo para combater a epidemia apesar de todas as limitações, privilegiando a coletividade, suportando todos os problemas pessoais calado, bem como lidando com o distanciamento da sua esposa causado por uma doença que não está relacionada a peste.

Dentre os personagens que o acompanha está Rambert, jornalista francês que veio para a Argélia para realizar uma matéria sobre o problema sanitário de Orã, Tarrou, personagem que veio para Orã sem nenhum motivo aparente e pode ser encontrado em todos os lugares da cidade, e Grand, funcionário público responsável pelo setor burocrático da cidade que sonha em escrever um romance, se veem unidos pela peste e que compartilham angústias, desejos e temores.

Em sua narrativa o médico Rieux que não se esconde os momentos de desconfianças e fraquezas, no entanto esse também demonstra a lucidez ao observar a conjuntura em que vive. Desta forma esses personagens representam a resistência e a luta frente a uma situação de desespero, e situação de opressão, representada principalmente pelo jornalista, que em todo o livro tenta de alguma forma sair da cidade que está sitiada, e voltar para seu país de origem, no entanto é impedido pelas autoridades locais e pelo exército.

Outro momento em que a opressão e a violência também são apresentadas na obra é o momento em que o médico retrata como as regiões periféricas da cidade são retratadas na obra, estas foram cercadas e os moradores não tinham acesso às demais regiões da cidade, sendo privados até mesmo de atendimento médico.



Desta forma podemos entender que o livro, por fazer alusão a sistemas de opressão e governos autoritários, pode ser sim uma alegoria a situação vivida pelos colonizados durante a colonização francesa que fez com que a população argelina fosse marginalizada, e devido a isso resistir a lutar contra esse governo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que em um texto literário cabem diversas interpretações, avaliamos que este trabalho seja importante, pois, diferente da interpretação já feita, que compara a obra de Camus à ocupação nazista na França, partimos de outro pressuposto: o de que o livro pode ser também fonte de estudo para colonização francesa na Argélia, que afetou os povos nativos e árabes assim como a população da cidade do livro.

Desenvolver um trabalho que relaciona história e literatura é muito interessante, visto que entendemos que a literatura é uma importante fonte de análise histórica bem como o contexto histórico é parte do processo de criação literária, pois assim como nos diz Pesavento a literatura é um registro da vida, que nos possibilita a leitura de questões na temporalidade dada.

Utilizar a análise literária como um meio para chegar a esse estudo é um modo de interpretar o contexto histórico a partir das figuras de linguagem presentes na obra, que se observada em conjunto com o contexto histórico do autor e do espaço da narrativa, nos trazem a referência de como a Argélia passou por esse período de colonização.

REFERÊNCIAS

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & literatura: uma velha-nova história*. Disponível em: <<<http://nuevomundo.revues.org/1560> >> Acesso em 07 out. 2015.
- KÖLLN, L. A. B. *Entre colinas verdes e fortalezas cinzentas: O senhor dos anéis e a crítica à modernidade*. Monografia apresentada à banca examinadora da Graduação em História do Centro de Ciências Humanas Educação e Letras da Unioeste, 2009.
- FONSECA, L. C. *O envolvimento e a ruptura de Albert Camus com o pensamento de sua época*. Revista Garrafa 31; 2013.
- WILLIAMS, Raymond. *Base e superestrutura na teoria cultural marxista*. Revista USP, São Paulo, n.65, p.210-224, março/maio 2005.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- FONSECA, L. C. *O envolvimento e a ruptura de Albert Camus com o pensamento de sua época*. Revista Garrafa 31; 2013.
- FANON, Frantz. Sobre Violência. In. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1961.